

humanitas



Vol. XXVII-XXVIII

IMPrensa DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA
COIMBRA UNIVERSITY PRESS

FACULDADE DE LETRAS DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA
INSTITUTO DE ESTUDOS CLÁSSICOS

HUMANITAS

VOLS. XXVII E XXVIII



COIMBRA
MCMLXXV-MCMLXXVI



cido no aparato da p. 31, l. 10; p. 57, l. 3; p. 91, l. 1; p. 106, l. 3 e l. 10; mas figura no da p. 103, l. 2, sem a devida correspondência nos *addenda*.

Alguns destes acrescentos ou rectificações provêm de anotações à margem do exemplar de uso do Prof. Snell, que as transmitiu ao seu sucessor. Outras, mais numerosas, destinam-se a vincar a autoria de conjecturas que o próprio Snell formulara. Um pequeno número é acrescentado pelo novo editor.

O triplo índice — dos nomes próprios, das palavras e das fontes — que tanto valorizava já a edição anterior, aparece agora, como já referimos, com uma ou outra rectificação ou acrescento. Somente o índice das palavras novas diminuiu consideravelmente, por entretanto o *Lexicon Pindaricum* de Rumpel (1883) ter sido substituído pelo de Slater (1969); mesmo assim, as formas ainda não abrangidas por este último léxico ocupam três páginas e meia, a duas colunas. Por este pormenor se pode fazer ideia de quanto tem progredido nos últimos anos o nosso conhecimento do vocabulário dos líricos.

M. H. ROCHA PEREIRA

GERT PREISER, *Allgemeine Krankheitsbezeichnungen im Corpus Hippocraticum. Gebrauch und Bedeutung von Nossos und Nosema. Ars Medica. Texte und Untersuchungen zur Quellenkunde der Alten Medizin. II. Abteilung. Griechisch-lateinische Medizin. Band 5.* Berlin, Walter de Gruyter, 1976. XIX + 138 pp. DM 86.

A valiosa série de textos e investigações sobre as fontes da Medicina antiga, publicada pelo Instituto de História da Medicina da Universidade Livre de Berlim (de que já temos dado notícia aos nossos leitores — cf. *Humanitas* 19-20 (1967-68), 408-410, e 23-24 (1971-72), 538-539), acaba de ser enriquecida com mais um volume, este consagrado às «Designações genéricas da doença no *Corpus Hippocraticum*. Emprego e significado de Nossos e Nosema». Originada numa tese submetida à Universidade de Francforte-do-Meno em 1968 (a qual, por sua vez, tivera o seu início num artigo para o Léxico de Hipócrates), que foi galardoada com o Prémio Senckenberg de 1969, esta obra traz um interessante contributo, não só para a área específica da semântica grega em que fundamentalmente se move, como para a história da Medicina e do pensamento científico em geral.

A questão da sinonímia entre os dois termos fora já formulada na Antiguidade, pelo menos a partir do séc. II da nossa era, com o papiro conhecido por *Anonymus Londinensis* e as pseudo-Galénicas *Definitiones Medicae*, que afinal se opõem ambos à identificação dos dois termos, sustentada por Galeno no *Método Terapêutico*. Retomada em tempos modernos por J. H. Heinrich Schmidt, Von Fritz, Schadewaldt e outros, aparece agora sistematicamente analisada por Gert Preiser, que para isso

examinou escritos hipocráticos de géneros variados (como *Prog.*, exemplo de tratado especializado; *Flat.*, exemplo de estilização retórico-sofística; *Epid.*, como amostra de estilo noticioso; os *Aforismos*, como representativos de um género literário específico), de especialidades diferentes (*Vict.*, de dietética; *Int.*, de Medicina interna; *Mul.*, de ginecologia; *Art.*, de cirurgia), de épocas distintas (deste o *De Morbo Sacro*, datável da Guerra da Peloponeso, a *Epid.* V e VII, do segundo quartel do séc. IV, ou ainda a *Praec.*, da época imperial).

A análise dos exemplos é feita sob vários ângulos. Assim, um capítulo é consagrado à comparação de alguns textos com os seus modelos conhecidos, comparação essa que leva a concluir pela maior antiguidade de *νοῦσος*. Outro capítulo mostra que, nos escritos em que *νοῦσος* e *νόσημα* se empregam lado a lado, sem que haja diferença de significado ou de emprego, se descobrem razões para a alternância: ou é efeito dos modelos, ou se deve ao princípio da variedade como meio estilístico. Outro capítulo ainda estuda os empregos de ambas as palavras em relação com adjectivos, substantivos e verbos. Desta parte da obra deriva uma observação que adiante se revelará de grande alcance: a de que os adjectivos em *-ιός* se empregam de preferência com *νόσημα* (p. 57). De grande interesse também, é a discussão da teoria de Lichtenthaler, segundo a qual no emprego dos verbos se notam resíduos da antiga concepção da doença como um ataque vindo do exterior (pp. 60-63).

No extenso capítulo sobre o significado, merecem especial relevo as secções *D* e *E* — por ventura as mais interessantes de toda a tese. Na primeira destas partes, faz a análise pormenorizada do emprego de *νοῦσος* no *De Morbo Sacro*, a qual leva à conclusão de que, enquanto rebate a concepção tradicional, espelhada na designação de *ἰεργή νοῦσος*, o autor utiliza esta última palavra; ao passo que, quando entra na análise científica da epilepsia, passa a empregar *νόσημα*, o termo novo que surgira no decurso do séc. V a.C. As acepções todas de *νοῦσος*, desde os Poemas Homéricos até Ésquilo, são analisadas na secção *E*. Curioso é notar que as três mais antigas ocorrências conhecidas de *νόσημα* são todas do *Prometeu Agrilhoado*, tragédia na qual *νοῦσος*, por seu lado, figura onze vezes.

Aliás, como se conclui na secção seguinte, «O novo conceito *νόσημα*», este termo surge na tragédia (além dos já mencionados, cinco exemplos em Sófocles e outros tantos em Eurípidés) e na comédia (quatro em Aristófanes, dos quais dois já do séc. IV a.C., uma vez que pertencem ao *Plutus*). Dos prosadores, o mais antigo exemplo vem de Górgias.

Ora, como vimos, o A. demonstrara já — e este é, sem dúvida, um dos resultados mais relevantes da sua investigação — que o tratadista do *De Morbo Sacro*, actualmente considerado um dos mais antigos escritos do *Corpus Hippocraticum* (entre 430 e 400 a.C.), dera mais uma prova clara do novo espírito científico na análise daquela doença, ao substituir *νοῦσος* por *νόσημα*, quando entrara na parte positiva do seu estudo. Esta atitude toma-a Preiser, e, a nosso ver, com razão, como típica de uma preocupação dos médicos: a de se distanciarem do velho conceito de doença, a que atrás se aludiu. Com efeito, as antigas concepções de estado mórbido, a sua personificação, ameaçadora e estranha, estavam contidas em *νοῦσος*, mas não na nova palavra *νόσημα*. E, como a difusão desta última se encontra ligada à dos adjectivos em *-ιός* (cujas expansões já A. Debrunner atribuíra aos Sofistas), o A. formula a hipótese de *νόσημα* ter sido também uma criação sofística. «O novo termo tornou-se assim, em certa medida, expressão daquele tempo, que tão grande signifi-

cado teve na história das ciências» (p. 113). A hipótese é sedutora, mas os seus fundamentos assentam em provas demasiado fragmentárias e ocasionais. De reter, sim, o alto significado da conotação que logo de início distingue *νόσημα*, como mais um triunfo do racionalismo dominante no séc. V a. C.

O livro de Preiser, elaborado com rigor de método e vasta e segura informação, compreende ainda uma bibliografia (em que surpreende a omissão de J. Dumortier, *Le Vocabulaire Médical d'Eschyle et les Écrits Hippocratiques*, Paris 1935, reeditado em 1975), um índice dos passos citados, outra das palavras estudadas e outro ainda de nomes e assuntos.

M. H. ROCHA PEREIRA

Anonyma de Musica Scripta Bellermanniana. Edidit DIETMAR NAJOCK. Bibliotheca Scriptorum Graecorum et Romanorum Teubneriana. Leipzig, B. G. Teubner, 1975. XXVI + 38 pp.

Desde 1972, ao publicar na colecção «Göttinger Musikwissenschaftliche Arbeiten» o texto comentado e com tradução alemã do curioso tratado, justamente conhecido como *Anonymus Bellermannianus*, pelo nome derivado do do seu primeiro editor (1841), que Dietmar Najock conta entre as grandes autoridades no difícil domínio da investigação que é a história da música grega.

A edição que o mesmo especialista preparou para a Bibliotheca Teubneriana tem, naturalmente, as características próprias da colecção em que se insere, ou seja, consta de um prefácio consagrado quase por completo à *recensio* dos manuscritos (em número de vinte e três, dos quais o mais antigo e o melhor — *A* —, do séc. XII, é modelo dos restantes, com excepção de *B* e da sua cópia Urbinata, de *C*, *D*, *H* e *S*), bibliografia, texto com aparato crítico e índices.

Antes de entrar na descrição e estabelecimento do parentesco dos diversos códices, o *A*. discute, porém, dois importantes problemas referentes a esta obra: a composição e a cronologia. A análise cuidada do texto leva-o a atribuir-lhe, não dois autores, como A. J. Vincent e R. Westphal, mas três. Assim, o *Anonymus I* teria sido o autor dos §§ 1 a 11; o *Anonymus II*, dos §§ 12 a 28; e o *Anonymus III*, dos §§ 29 a 104. Este último ter-se-ia servido do primeiro como fonte dos §§ 83 a 94, o que explicaria a inequívoca semelhança entre 1-11 e 83-94. Quanto ao § 105, que só aparece depois de um espaço nos MSS. Neapol. III C 4 na sua cópia, o Vat. Urb. 77, considera-o um apêndice.

Relativamente à época da composição, o *A*. apenas adianta três prudentes conclusões: nenhum dos três tratadistas é posterior ao séc. VI; o *Anonymus II* e o *Anonymus III*, que, nos §§ 21, 48 e 49, parecem ter usado a *Isagoge* de Nicómaco

de Gerasa, então perdida, não podem ter vivido antes do séc. II; o *Anonymus I* poderá ser mais antigo.

Dois grandes méritos assinalam ainda esta edição: o exaustivo aparato de *loci similes*, que evidencia as relações de dependência dos autores perante outros tratadistas antigos, designadamente Aristóxeno; o *Index nominum et rerum*, que facilita a referência dos muitos termos técnicos definidos ao longo da obra, um dos quais é a própria Música, que o *Anonymus II* considera *ἐπιστήμη* (§ 12), ao passo que o *Anonymus III* a tem como *ἐπιστήμη* ou como *τέχνη* (§ 29), à maneira de Aristides Quintiliano.

M.H.R.P.

Sophoclis Tragoediae. Tom. I. Ajax. Electra. Oedipus Rex. Edidit R. D. DAWE. Bibliotheca Scriptorum Graecorum et Romanorum Teubneriana. Leipzig, Teubner, 1975. XVI + 195 pp.

A publicação em 1973 do trabalho «Studies in the Text of Sophocles» intitulava o seu autor, R. Dawe, para o meritório empreendimento que, no volume presente da Teubner, encontramos parcialmente realizado: uma nova edição de Sófocles. A tarefa do editor começou naturalmente pelos dramas que, nos códices conservados de Sófocles, ocupam um lugar mais destacado: a tríade *Ajax*, *Electra* e *Rei Édipo*.

Embora atento, como convém, à generalidade da tradição manuscrita, fixa Dawe o texto destas peças a partir de 19 códices fundamentais, organizados em 4 famílias. A posição de maior relevo continua a ser atribuída àquele que é considerado o manuscrito mais importante de Sófocles, o Laurentianus 32, 9 (L), datado de cerca de 1000 A. D.

A utilização pelo Autor dos manuscritos que integram a 4.^a família, Zc T, merece uma referência particular. Louve-se o critério seguido de incluir no aparato as lições de T, derivado da edição de Triclinio. O facto de este editor ter usado de liberdades especiais na fixação do texto, onde realiza frequentes alterações para as quais não se digna chamar a atenção do leitor, não impede, conforme observa justamente Dawe, que a sua edição se funde em bons exemplares antigos a que devemos algumas importantes lições. Andou, portanto, bem Dawe ao deixar ao critério do leitor o juízo sobre o valor de algumas lições de T.

Igualmente adequada a valorização de Zc, a despeito da sua concordância, na generalidade, com T. O facto indiscutível de o autor de Zc ter utilizado L e A convertem o códice em algo mais que uma simples cópia de T.

Não deixa o Autor de utilizar o testemunho significativo dos papiros e do léxico de Suda. De tudo isto resulta um aparato equilibrado, que fornece os elementos